

Credores provam confiança no Brasil

O Citibank, maior credor privado do País, continua confiando no Brasil. Essa confiança é confirmada pelos créditos de US\$ 3,7 bilhões e pelo papel de liderança exercido pelo banco no processo de renegociação da dívida externa brasileira. Foi o que afirmou ontem o novo vice-presidente sênior do Citibank para relações com o sistema financeiro e o governo, Alcides de Sousa Amaral.

Para mostrar a recuperação da credibilidade brasileira junto à comunidade financeira internacional e, principalmente, ao Citibank, Sousa Amaral informou que o banco lidera uma operação club deal de quase US\$ 80 milhões a favor da Itaipu Binacional: "Mais importante é que o empréstimo fecha com oversubscription — adesão acima do valor colocado inicialmente no mercado — de US\$ 30 milhões.

Com o club deal, o Citibank começa a acelerar a contratação final de empréstimos integrantes dos jumbos de US\$ 4,51 bilhões, de 1983, e de US\$ 6,5 bilhões, deste ano. No caso da operação com a Itaipu, o Citibank ainda utilizará recursos do jumbo de 1983. Para Sousa Amaral, a Secretaria de Controle das Empresas Estatais (Sest) facilitou as negociações com possíveis mutuários finais, ao liberar no final de abril a lista com mais de 20 nomes de empresas e Estados — que inclui São Paulo, Eletrobrás e Siderbrás entre os grandes tomadores — habilitados à contratação dos recursos dos jumbos.

Regras mais brandas

Mesmo assim, o Citibank, a exemplo dos demais bancos, aguarda a divulgação do abrandamento nas regras dos financiamentos ao setor público para ampliar as operações da Resolução nº 63 do Banco Central — empréstimos externos com intermediação de bancos que operam no País. O vice-presidente do Citibank disse que a limitação dos créditos ao setor público, através da Resolução nº 831, funciona como um dos principais instrumentos de controle do déficit do governo e o Banco Central não pode simplesmente abolir os tetos mensais, mas Sousa Amaral argumentou que o Comitê Interministerial de Acompanhamento da Execução dos Orçamentos Públicos (Comor) precisa autorizar logo a rolagem das dívidas em moedas estrangeiras das administrações direta e indireta estaduais.

Com o teto imposto ao setor público e a economia, como um todo, ainda em recessão, o novo vice-presidente do Citibank afirmou que, mesmo sem risco cambial a curto prazo, não há demanda por operações 63 e o mesmo acontece com o crédito interno, com a consequente redução dos juros do mercado. Segundo Sousa Amaral, a menor demanda de crédito reflete também a capitalização das empresas, sobretudo pelo engajamento bem-sucedido na atividade exportadora. Por isso, disse também que o Banco Central ainda não tem que se preocupar com o aumento dos saques nos depósitos voluntários em moeda estrangeira no Banco, dentro das normas da Resolução nº 432.

O vice-presidente do Citibank procurou afastar a idéia de que os bancos credores principalmente, os norte-americanos, estão ganhando com a tendência de alta dos juros nos Estados Unidos: "Os bancos vivem do spread — diferencialmente as taxas de captação e de aplicação. Os bancos também não querem a elevação dos juros. Isso não engorda os seus lucros e enfraquecem os tomadores dos empréstimos. E o Citibank precisa cuidar da saúde do seu cliente, seja pessoa física, jurídica ou um país", observou Sousa Amaral.

Embora com a ressalva de que o Citybank torce para que a prime rate (taxa cobrada pelos bancos norte-americanos de seus clientes preferenciais) caia a menos de 10% ao ano, o antecessor de Sousa Amaral, Ivo Tonin — que pediu aposentadoria no último dia 30, após ocupar por 12 anos a vice-presidência sênior —, observou que a campanha eleitoral obriga o governo Reagan a dar prioridade à redução do desemprego, o que pode até elevar mais um pouco os juros no terceiro trimestre do ano, com queda no período pós-eleitoral.

Com a substituição de Tonin por Sousa Amaral, o Citybank manteve a presença de quatro brasileiros na composição de sua direção no Brasil. Até 1979, havia apenas um brasileiro.